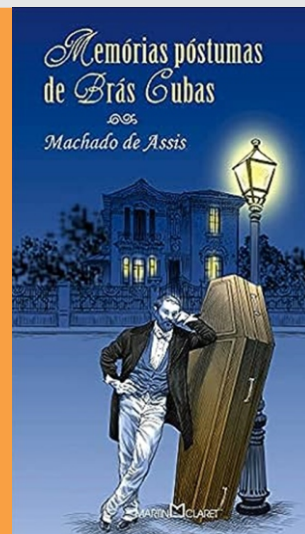
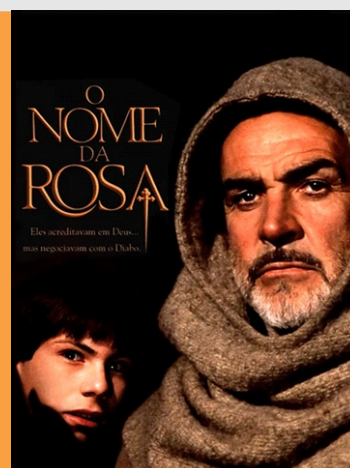


Um marco na obra de **Machado de Assis** e um marco na literatura brasileira, inaugurando o Realismo, o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um dos mais celebrados da história da literatura brasileira. Ao criar um narrador que resolve contar sua vida depois de morto, **Machado de Assis** muda radicalmente o panorama da literatura brasileira, além de expor de forma irônica os privilégios da elite da época. A fina ironia machadiana já se apresenta na dedicatória do defunto-escritor Brás Cuba: **Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas**. A história é narrada na primeira pessoa e postumamente, ou seja, o narrador é o defunto de Brás Cubas, um morto que resolveu escrever suas memórias. A obra é apoiada em dois tempos. Um é o tempo psicológico, do autor além-túmulo, que, desse modo, pode contar sua vida de maneira arbitrária, com digressões e manipulando os fatos à revelia, sem linearidade (uma das características do Realismo). A morte, por exemplo, é contada antes do nascimento e dos fatos da vida. E, o outro, o tempo cronológico, em que os acontecimentos obedecem a ordem lógica: infância, adolescência, ida para Coimbra, volta ao Brasil e morte.



O Nome da Rosa é um filme de 1986, de coprodução italiana, francesa e alemã, com direção de Jean-Jacques Annaud e com roteiro adaptado da obra *Il nome della rosa*, do escritor italiano Umberto Eco. O filme retrata a história de um monge franciscano, William de Baskerville, que, acompanhado de seu noviço, Adso von Melk, chega em um mosteiro isolado no norte da Itália, a fim de participar de um conclave para decidir se a igreja deveria doar parte de suas riquezas. No entanto, a chegada dos dois coincide com uma série de mortes misteriosas no mosteiro. A maioria dos religiosos relaciona as mortes a forças nefastas que cercam o mosteiro, porém William não acredita que essa seja a causa e decide investigar. Para isso, terá de desafiar o Grão-Inquisidor, Bernardo Gui, que chega pouco depois ao local, determinado a torturar qualquer suposto herege responsável pelos assassinatos. O filme venceu o prêmio BAFTA por melhor ator, melhor maquiagem e caracterização, e o prêmio César por melhor filme estrangeiro em 1988.



O grande poeta/compositor **Noel Rosa** completaria 113 anos em dezembro, porém, inversamente proporcional ao tamanho e qualidade de sua obra, foi a efemeridade de sua vida. **Noel de Medeiros Rosa**, sambista, cantor, compositor, bandolinista, violonista brasileiro e um dos maiores e mais importantes artistas da música no Brasil, nos deixou aos 26 anos de idade. Para comemorar seu aniversário de 113 anos, estreia hoje, 31 de agosto, o musical *Noel Rosa: Coisa Nossa*, com texto de Geraldo Carneiro e direção de Cacá Mourthé. Alfredo Del-Penho, que também assina a direção musical, e Fabio Enriquez dão vida ao personagem, acompanhados por um grupo de choro-samba. A trama passeia pela trajetória do **Poeta da Vila**, que deixou mais de 200 músicas. Além de Noel, a peça mostra sua mãe (Dani Câmara) e principais amores, Lindaura (Julie Wein) e Ceci (Dani Câmara). Noel foi protagonista de uma curiosa polêmica (Noel Rosa X Wilson Batista), travada através de canções com seu rival Wilson Batista. Os dois compositores atacaram-se mutuamente em sambas agressivos e bem-humorados, que renderam bons frutos para a música brasileira, incluindo clássicos de Noel, como *Feitiço da Vila* e *Palpite Infeliz*.

Teatro Prudential. Rua do Russel, 804, Glória. Qui. a sáb., 20h. Dom., 17h. R\$ 45,00 a R\$ 100,00. Ingressos pelo <https://www.sympla.com.br> De 31 de agosto a 24 de setembro.



Você Sabia?

Você sabia que, no último dia 16 de agosto, foi comemorado o centenário de **Millôr Fernandes**? Se fôssemos escolher adjetivos que o descrevessem, poderíamos usar "múltiplo, intenso e genial". Escritor, dramaturgo, cartunista, roteirista de cinema, jornalista, tradutor, humorista, poeta e desenhista, o carioca **Milton Viola Fernandes** teve uma longa e intensa carreira como Millôr Fernandes. Foram mais de 70 anos com seus desenhos – verdadeiras crônicas gráficas –, publicados nos principais meios de comunicação, que abordavam desde temas corriqueiros até os mais complexos com a mesma capacidade de surpreender. Millôr foi um dos fundadores, ainda em 1960, do Pasquim, semanário alternativo que foi o porta-voz da indignação social brasileira contra a repressão da ditadura militar. Publicou mais de trinta livros, sendo o último *A entrevista*, de 2011. Ele traduziu diversas obras, incluindo versões de Shakespeare, Molière, Anton Tchekov, Sófocles, Pirandello e Mario Vargas Llosa. Millôr Fernandes foi ativo até quando pôde. No dia 27 de março de 2012, morreu, aos 88 anos. Em comemoração ao seu centenário de nascimento, Millôr será homenageado com o relançamento de 16 de seus livros, além da nova montagem da peça *A História é uma Istória*, de 1978, e da exposição de parte de seus desenhos no site do Instituto Moreira Salles.

